

PERIPÉCIA DE ARIANO SUASSUNA NO OLIMPO

Alexandre Sugamoto ¹

Depois de sua morte, Ariano Suassuna fixou os olhos na intensa luz do meio-dia. Apertou as pálpebras, não com as próprias mãos, mas, sim, uma pálpebra na outra, para ver se distinguia o campo de luzeiro que se apresentava na paisagem recém-avistada. Pensou, por um momento, tratar-se da terra do Sol Invicto, plaga livre de mácula e intocada pela besta-fera da morte cinzenta. No entanto, desfez-se subitamente a coruscação e Ariano percebeu que estava na presença de um nume.

Pelas sandálias aladas que o deus usava, Ariano intuiu que fosse Hermes, preclaro, que viera recebê-lo pessoalmente, ou deificamente, nos portões do Inferno. Extasiado e amedrontado com aquela teofania pagã, Suassuna rogou aos céus para que se dissipasse a visão enganadora da deidade. Ensaiou, em vão, uma "Ave Maria", tentou entoar as loas do "Salve Regina", mas não conseguia lembrar de uma só palavra sagrada. Quando colocou a língua para fora, em uma tentativa de pronunciar suas próprias imprecações de defesa, o órgão lânguido se enrolou ao redor de seu corpo e agora ele havia se transformado, momentaneamente, em uma espécie de lagarto sertanejo, calango que rasteja na areia da caatinga.

Hermes, que até agora havia observado a patética cena com paciência, decidiu intervir: " - *Você não pode ficar aqui para sempre, Ariano Suassuna*". As palavras de Mercúrio tatalaram como insetos insanos e famintos nas ventas de Ariano. Ele, por fim, resolveu negociar a passagem para os céus de sua crença. Antes, contudo, fez uma arguta observação linguística:

¹ Alexandre Sugamoto é bacharel em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina e especialista em metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira. Mestrando em Ciências da Religião (PUC-MG), tem realizado pesquisas nas áreas de teopoética, religião e literatura e ciências da linguagem religiosa. Professor de Ética Corporativa, Compliance e Filosofia Organizacional do ISAE-FGV e de "Evolução do pensar à luz da filosofia" no Master em Neuroestratégia e Pensamento Transversal, da ESIC. Já publicou em revistas, jornais e livros didáticos e é consultor nas áreas de Cultura, Educação, Comportamento Humano e Desenvolvimento de Equipes. Membro do corpo editorial da Revista ANANKE.

“ - Sempre achei que os deuses se dirigiam a nós em segunda pessoa”.

O deus pluriastucioso responde: “ - Já punimos Odorico Mendes por ter feito vocês acreditarem nessa sandice”.

“ - E onde estão os outros? ” - perguntou Ariano, sem ter a consciência exata do que dizia.

“ - Recebi ordens de levá-lo para um passeio no Olimpo. Um senhor muito distinto, de cabelos revoltos e linguagem estrambólica e afetada, o aguarda para o chá”.

Ariano Suassuna, agora transformado em homem novamente, imaginou tratar-se de Beethoven e começou a matutar perguntas muito inteligentes sobre a “Fantasia Coral”, o mistério dos “Últimos Quartetos” e os segredos da surdez criativa.

No entanto, chegando à Montanha Sagrada o escritor brasileiro estranhou a figura de terno puído que andava ansiosamente, de um lado para o outro e no sentido contrário, esfregando as mãos. O senhor de cabelos esvoaçantes sentou e começou a bebericar o chá, de modo bastante distinto, como se estivesse percebendo aromas e notas complexas na bebida fervente que estava sendo servida por Hebe: “ - É inglês! ”, decidiu Suassuna cedendo ao clichê. Tentou lembrar de todos os livros que havia lido, das figuras em cadernos do colegial, dos livros de arte... subitamente, a meditação de Suassuna foi interrompida por uma voz pastosa e sibilante:

“ - E então? Você também está procurando pelo Ancião dos Dias? ”

“ - Quem? ”

Ariano coçou a cabeça, espichou os olhos e então percebeu o que estava acontecendo: as Moiras haviam tramado um encontro com William Blake.

“ - A imaginação, Senhor, é a chave do conhecimento universal. ”

O dramaturgo sertanejo achou a frase meio idiota, e exageradamente gnóstica, e pensou em replicar com algum sermão do Pe. Antônio Vieira. Não lembrava de uma palavra sequer: “ - Que amnésia da gota, rapaz! ”.

“ - Aqui tudo se apaga, Suassuna”, disse o inglês.

Injuriado com aquele encontro sem propósito, Ariano Suassuna sentou, desconsolado, na beira do Olimpo: “ - Tantos *memento mori* para isso! Queria ao menos ter encontrado Dylan Thomas ou algum poeta mais sublime. Blake viveu blasfemando contra tudo e está sendo bajulado pelos deuses. Que justiça é essa? ”. Pensou assim e logo viu Hefesto sendo defenestrado dos céus pela própria mãe. Entendeu, então, o que se passava: fora lançado nos primeiros momentos da Teogonia e estava contemplando a gênese pagã da matéria.

Quando virou os olhos para trás, e não para cima como alguém que está sendo possuído por entidades malignas, notou que William Blake estava sorrindo sem culpa enquanto pintava um retrato abstrato das venerandas e vaidosas deusas helênicas. Já não havia blasfêmia possível.

Abandonando todo o protocolo, rigoroso, complexo e obtuso, *post-mortem*, Ariano despiu-se de seus trajes cívicos, ainda a velha camisa vermelha e a calça de sarja que usava para montar cavalos baios, escolheu uma toga branca, calçou sandálias com detalhes prateados e danou-se a caminhar, solitário, nos Jardins de Zeus:

“ - Eis a minha sonhada Monarquia”.

Adormeceu.